

15  
Se 14828

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

20  
ESTUDOS LITERÁRIOS

# Teófilo Braga e o Nacionalismo

POR

CASTELO-BRANCO CHAVES

LISBOA  
«SEARA NOVA»

1935



Sc  $\frac{15}{14828}$

TEÓFILO BRAGA  
E O NACIONALISMO

REPORT

ON THE

PROGRESS OF THE

WORK

*«É êle, em magna parte, o pai do  
nosso nacionalismo actual...»*

AGOSTINHO DE CAMPOS — *Vida e  
Morte de Teófilo Braga, in  
«Lusitânia», fasc. 3.*

*«La conciencia de un pueblo se manifiesta en el conocimiento de sí mismo. El conocimiento de sí mismo supone la reflexión sobre sus hombres, sus sentimientos y sus ideas. Reflexionar sobre todo es pensar, medir, contrastar los meritos y deméritos, las ventajas y las desventajas, los avances y los retrocesos. Todo esto, en suma, es crítica. Cuanto más espíritu de crítica se contenga en la vida de una nación, tanto más esa nación tendrá conciencia de lo que ha hecho y lo que le falta por hacer.»*

AZORIN



Numa pequena e ameníssima polémica que tive a honra de sustentar com o escritor Sr. Dr. Agostinho de Campos, veio a talho de fouce considerar Teófilo Braga não só como precursor da geração de 90 mas até como mestre e sugestionador da geração integralista. Houve quem estranhasse tal afirmação. O que se diz democrata sentia-se roubado; sentia-se o reaccionário deslustrado na estirpe. Estranhezas destas denunciam que um complexo de preconceitos se mantém acêrca do velho historiador e crítico da literatura portuguesa, e que êle, talvez em virtude de ser pouco lido, continua a ser apreciado muito superficialmente. Tanto mais que eu não dava novidade de maior, pois basta ter conhecimento da obra de Teófilo e da doutrina do nosso nacionalismo para reconhecer as afinidades.

Teófilo é, de facto, um cúmplice e um agente do movimento nacionalista português, e foi em grande parte da sua obra que os nacionalistas

de 1890 e os integralistas de 1910 aceitaram as ideas-sentimentos que constituem o fundo ideológico da sua doutrina e que são: a *Raça*, a *Tradição*, a *Nacionalidade* como fenómeno de ordem estática e o *Popularismo estético* (1). No campo social e político é que foi diversa a aplicação do conceito de tradição em Teófilo e nos nacionalistas de 1910, tendo-se os de 1890 alheado da actividade politica. Em tudo o mais Teófilo foi precursor e foi mestre e, por isso, são comuns, nas páginas dos nacionalistas, os louvores a Teófilo, a quem António Sardinha chegou a chamar *iluminado* (2).

O caso de Teófilo é significativo e vale como símbolo, na extensão da sua influência. Enquanto Herculano, Antero, Eça de Queirós permaneceram esquecidos ou incompreendidos, Teófilo, consciente ou inconscientemente, foi mestre das gerações posteriores. Significa isto que essas gerações não atingiram o plano em que a obra dos primeiros se realizava, que não eram capazes de substituir quimeras por princípios espirituais e que não possuíam da vida um conceito activo, em que viver

(1) Como é sabido, Teófilo de Braga, inspirando em Augusto Comte, considerou o fenómeno literário sujeito a factores de duas ordens: os estáticos e os dinâmicos, sendo estáticos: a *Raça*, a *Tradição*, a *Lingua* e a *Nacionalidade*; e dinâmicos: o meio social, as épocas históricas e a acção sucessivamente hegemónica das literaturas entre si.

(2) O *Valor da Raça*, pág. 144.



não representa *ser* mas progressivamente *ir sendo*. Teófilo lisonjeou os vícios e serviu, pelo simplismo das suas soluções, a preguiça nacional. Ei-lo, pois, mestre, e dos mais perigosos; daqueles que actuam mesmo quando os discípulos o renegam.

Êste culto pela personalidade nacional, pela pureza e genialidade da raça, tem, quasi sempre, nos homens que o apregoam, uma grande mescla de amor próprio, auto-idolatria, vaidade e preconceitos. É uma forma indirecta, e difficilmente reconhecível, de ser vaidoso e de, entoando os louvores às virtudes da raça, se louvarem a si próprios. « Não há teoria mais perigosa, — disse Brunetière — nem, ao mesmo tempo, menos cristã do que a teoria das raças. » (1) Perigosa, individualmente, para os que a professam e, colectivamente, para os povos que a perfilham. Os individuos tornam-se prejudiciais à comunidade a que pertencem, porque lhe mentem; os povos tornam-se nocivos à humanidade, porque, provocando orgulhos estultos, criando uma megalomania colectiva e desencadeando paixões inferiores, quebram a solidariedade entre os povos e são a origem dos maiores flagelos. Ernesto Seillière vê nesta espécie de racismo um fenómeno místico, ou, mais propriamente, de mística social: « le mysticisme de la race, — diz êle — a conduit ses adeptes contempo-

(1) F. Brunetière, *Cinq Lettres sur Ernest Renan*, pág. 69.

rains à s'exprimer, eux aussi, à peu près en ces termes: «L'homme de mon sang (ou l'homme »agrégé par sa naissance à mon groupe national) »est allié de Dieu par privilège, ce qu'on reconnaît »en le voyant si exceptionnellement *doué par la »Nature*» (1). Excepcionalmente dotada pela Natureza é o que todos os teóricos da Raça reconhecem à sua, e Teófilo, afirmando que o povo português representa a «persistencia do antigo *typo lusitano*» (2) indica-lhe as virtudes intrinsecas: «*O Lusitano*, realizando o ideal de povo livre, entrou na história pelo character da raça ligurica, o genio das expedições maritimas, que o fêz iniciar a Era das grandes Descobertas; pela sua tenacidade, resistiu a todos os desvarios dos que o governaram atraiçoando-o, desde o *castelhanismo*, dos casamentos reaes até à sua desmembração territorial pela dynastia bragantina; e pela vitalidade das suas tradições e sensibilidade affectiva creou uma bella Literatura Nacional.» (3) Sabe-se o valor da ciência antropológica de Teófilo de Braga que, pior que nulo, era negativo (4), e não há, portanto, que aceitar ou discutir as suas afirmações neste campo, a não ser pelo que elas representam no conjunto da sua obra e pela influência que exerceram.

(1) *Le Romantisme*, ed. Stock, pág. 69.

(2) T. Braga, *Edade Média*, 1909, pág. 27.

(3) Ob. cit., pág. 27.

(4) Leia-se Silvio Romero, *A Pátria Portuguesa*, 1906.

No conjunto da sua obra atribue à raça « pela vitalidade das suas tradições e sensibilidade afectiva » a criação da literatura nacional, (1) no que nos parece que há uma confusão inicial, pois o que cria a literatura portuguesa são condições de momento que sucessivamente se renovam, e o que lhe dá unidade é a persistência em determinadas características psicológicas, próprias dos portugueses, que não características antropológicas da sua suposta raça. Querer demonstrar a feição particular da nossa literatura pelo particularismo da raça é pura fantasia — tanto mais fantástica, quando é certo não existir tal raça. « Não foi com o auxílio dos fósseis, — diz Emilio Waxmeiller — que conseguimos criar as ciências da vida, mas foi justamente com o auxílio das ciências da vida que conseguimos ressuscitar os fósseis. » Teófilo quis explicar o que é vida com falsos fósseis, e daí muitos dos sucessivos erros que maculam a sua obra. « Nas Litteraturas, como expressão da vida affectiva das sociedades, — diz Teófilo Braga — é talvez mais importante o elemento inconsciente da tradição e do meio (2) do

(1) Conforme Antero já denunciara, Teófilo perfilhou a teoria de Schlegel e da escola romântica alemã sobre a subordinação de toda a vida intelectual e moral de um povo à *genialidade da raça*. Essa teoria, já de si tão insuficiente e deficiente, na obra de Teófilo tomou proporções fantásticas.

(2) Território e raça.

que a obra pròpriamente original da individualidade do escriptor.» (1) Teríamos, assim, que um escritor quanto mais puro, mais integrado no « meio-vital », mais isolado da comunhão espiritual da Humanidade, melhor e mais expressivo escriptor seria, para o que não fazia mister mais que uma cultura histórica e etnológica da sua pátria. E tanto isto era assim, para Teófilo, que daí provém o seu estrênuo popularismo estético. Tratando de Gil Vicente, e para explicar a vitalidade da sua obra o autor da *História da Literatura Portuguesa* alega esta razão, de um cómico infinito: « O grande poeta tinha plena consciência dos seus antecedentes ethnicos. » (2) É que, para Teófilo, « a crítica litteraria para comprehender as creações estheticas das altas individualidades, como um Shakespeare ou Gœthe, procura sempre um elemento tradicional, inconsciente e popular como a materia prima das emoções elaboradas intencionalmente pelo genio nas suas syntheses » (3).

Não conheço critério mais falho e, ao mesmo

(1) T. Braga, *Introdução e Teoria*, 1896, pág. 13.

(2) T. Braga, *Gil Vicente e as Origens do teatro nacional* 1898, pág. 14.

(3) Ob. cit. pág. 292. A-propósito, peço ao leitor que medite estas palavras de Gœthe: « Presentemente, a litteratura nacional não significa grande coisa, é chegado o tempo de uma época de *litteratura universal* e cumpre a cada um proceder de maneira a apressar-lhe o advento. » (Gœthe — Numéro spécial — Europe, ed. Rieder)

tempo, mais generalizado, que este do populatismo estético, ou seja, o de um misterioso poder criador residindo nas camadas incultas dum povo e sendo elas as detentoras da verdadeira e esplendorosa beleza. O sr. Dr. Ricardo Jorge reconhece aqui «um traço do dogmatismo moderno que na alma das multidões transfundiu a velha psicologia divina dos teólogos» (1) e, de facto, só por mentalidades capazes de aceitar dogmas por evidências tal princípio pode ser aceito e fundamentar tôda uma estética ou todo um trabalho de especulação crítica.

Escreveu Emilio Hennequin que «une littérature exprime une nation non parce que celle-ci l'a produite, mais parce que celle-ci l'a adoptée et admirée, s'y est complue et reconnue» (2), verdade esta que Teófilo nunca reconheceu, vendo sempre as literaturas nacionais como produtos de uma região, de uma massa populacional com determinados caracteres antropológicos, de um dado meio histórico. Mas, mais que uma consciência estética, Teófilo Braga chega a atribuir ao povo certas intenções e determinados desígnios artísticos (3).

(1) *Revista da Universidade de Coimbra*, t. III, pág. 770.

(2) E. Hennequin, *La Critique Scientifique*, pág. 162.

(3) «O poeta não se inspirava da tradição do povo, imitava os modelos autorizados pelo arcadismo; e comtudo o povo procurou no século XVIII approximar-se dos poetas,

Sendo a arte um produto do afinamento cultural, sendo uma síntese e uma ordem que transcende a ordem natural, não pode o povo, no seu simplismo e com a sua cultura, atingir a criação estética, a não ser num grau rudimentar e inferior. A arte demanda grande iniciação e um aristocratismo que só a cultura pode dar. Gargantua existia em narrativas populares antes que Rabelais o tomasse para seu personagem e o elevasse à categoria de grande criação literária. Pois bem; o que ainda hoje o povo lê não é o Gargantua de Rabelais mas o anterior ao grande escritor, cuja elevada criação estética lhe não é acessível (1).

Teófilo iludia-se quando preconizava o revigoreamento das literaturas, não pela cultura, mas pela volta à tradição e pelo recurso à inspiração popular. Garrett, para quem o romantismo não era mais que « a *renasença* da poesia nacional e popular » pois « nenhuma cousa pode ser nacional senão é popular » (2) e de quem Teófilo Braga dizia que « todas as manifestações complexas da sua existência individual, todas as iniciativas e intenções da obra em que fundou uma nova Literatura, derivam do sentimento que o impelia a

como o confessa Filinto notando o facto das regateiras saberem de cór as outavas da Egloga *Albano e Damiana* ».

T. Braga, *Bocage — Sua Vida e Época Literária*, pág. 30.

(1) Veja Anatole France, *Rabelais*, 1.<sup>a</sup> ed., pág. 238.

(2) Ob. completas, *Adozinda*, pág. 14.

acordar nas almas a emoção da patria, e dar a um povo a consciência do seu organismo histórico de nação » (1), o próprio Garrett reconhecera o baixo nível estético do povo: «... n'aquella tarefa», diz êle, «tão tediosa às vezes, de collacionar, estudar e explicar textos já viciados da ignôrança do vulgo por cujas boccas e memorias andaram...» (2) ¿Se o vulgo, por sua ignorância, vicia, como é que, com a mesma ignorância, pode crear? Nem Garrett, nem Teófilo, o explicam. Não o explicam também os nacionalistas. É artigo de fé. Para escrever a sua *História da Literatura Portuguesa*, Teófilo Braga compilou o Cancioneiro e o Romanceiro popular, como base de todo o seu estudo, base esta tão dispensável que até quando ela aparece a tentar justificar um génio e uma obra como a de Gil Vicente, a explicação é infantil e inaceitável (3).

(1) T. Braga, *Garrett e o Romantismo*, 1904, pág. 5.

(2) Garrett, ob. cit. pág. 5.

(3) Pereda, no seu livro *Tipos y Paisajes*, acêrca da genialidade poética do povo tem estas admiráveis observações: «Autores de mucha y muy merecida fama aseguran que el pueblo es un gran poeta: ¿De dónde proceden, preguntáes (los hubiera yo dicho), esos cantares tan bellos que se oyen (muy de tarde en tarde por cierto) en boca de los sencillos trovadores de las calles y de los bosques. De vosotros, señores míos, de vosotros, o de otros poetas como vosotros, que los han creado tão bellos en la forma como en el pensamiento; el pueblo los ha hallado después, los ha *traducido* en su lenguaje tosco e

A tradição tem para Teófilo Braga um valor primacial pois que, segundo êle, « a íntima relação entre a tradição nacional e a interpretação artística é o que sem abstracções metaphysicas constitue o *Bello* » (1). Crente de tal, consagrou parte do seu labor ao estudo dessas tradições sem, contudo, ter verificado a regra que deixo transcrita.

vicioso, los ha aplicado al aire que, en su sentir, mejor los cuadraba, y se los ha cantado en seguida.»

Conheço dois casos dêste fenómeno: um relativamente recente, outro dos nossos dias. A quadra que o povo canta:

Eu amante e tu amante,  
Qual de nós será mais firme,  
Eu, como o sol, a buscar-te  
Tu, como a sombra, a fugir-me.

é de João Lemos.

A quadra de Afonso Lopes Vieira:

Esta palavra Saüdade  
Aquele que a inventou,  
A primeira vez que a disse  
Com certeza que chorou,

corre também anónima entre o povo. É o poeta *culto* que cria — o povo adopta, deturpando muita vez e desconhecendo sempre o autor. De resto, o povo escolhe quasi sempre o mais inferior, e veja-se a preferéncia que dá e a predilecção que tem pelas coplas das revistas. Essa sim, é arte da sua preferéncia e eleição.

(1) *Edade-Média*, pág. 39.



Teófilo ama o passado sòmente porque êle já não existe, razão que explica os seus clamores sempre que se lhe depararam costumes obsoletos e retro-grados, embora de grande ensinamento etnológico. Êle dá, afinal, à arte uma missão restricta e mesquinha, amarrando-a às tradições nacionais. Oiçamo-lo: « A arte interpreta as tradições nacionais inspirando-se delas, restituindo-lhes a vida primitiva, as suas côres, interessando-nos, fazendo-nos solidários com o passado que é em que consiste o vínculo mais forte da nacionalidade » (1). Como veremos, António Sardinha, no seu extremo nacionalismo, não foi mais longe, e os românticos do *Trovador* não pretenderam outra coisa. Sòmente, já no seu tempo um crítico de valor, hoje infelizmente esquecido, A. P. Lopes de Mendonça, advertia: « É que as litteraturas, ainda mais uma vez o repetimos, não podem sustentar-se do passado, existem sobre tudo pelo movimento das cousas presentes, e pelas aspirações grandiosas do futuro. » (2) Para Teófilo, crítico e historiador literário, a literatura era mais *ressurreição* que *vida*.

Ê portanto lógico que Teófilo, considerando a solidariedade com o passado « como o mais forte vinculo da nacionalidade » considerasse a nacionalidade como um elemento estático. Renan diz algures que uma nação é um plebiscito quotidiano,

(1) T. Braga, *História do Romantismo*, pág. 189.

(2) *Ensaios de Critica e de Literatura*, 1849, págs. 14-15.

e, para o demonstrar, basta que reflectidamente estudemos as crises nacionais de qualquer povo. Os vínculos da nacionalidade portuguesa, em 1580, eram os mesmos que em 1640, e a diferença das situações resulta, quasi sòmente, da diferente vontade dos portugueses de 1580 e dos de 1640. Teófilo não reconhece a existência dessa vontade senão como uma manifestação de « o character resistente e persistente da raça lusitana » (1), pois que para êle a nacionalidade é um órgão subtraído à vontade individual, um fenómeno de ordem estática (2). ; Curiosa opinião esta num homem que se dizia democrata!

Havia, talvez, nesta concepção da nacionalidade um preconceito político, havia um pouco de acomodação a um sistema previamente estabelecido mas havia, principalmente, uma convicção profunda. Tanto assim, que na Assembleia Nacional Constituinte, pediu para Portugal uma constituição que se fundasse na sua « evolução tradicional e histórica » (3).

« Pai do nosso nacionalismo actual » lhe chamou Agostinho de Campos, « profeta » « com um ardor iluminado » (4) lhe chamou António Sardi-

(1) *Edade-Média*, pág. 76.

(2) Ob. cit. págs. 5 e 80.

(3) *Discursos sôbre a Constituição política da República Portuguesa*, 1911, pág. 2.

(4) *Nação Portuguesa*, Ano I, N.º 1, pág. 7.

nha; e Teófilo merece, dos nacionalistas, este reconhecimento da sua qualidade de pai e de profeta.

Em Garrett entroncam todos os braços do nacionalismo português, desde os moços do *Trovador* até aos moços do integralismo. As gerações literárias de 1840 (Mendes Leal, Serpa, Pizarro, Rebelo da Silva e ainda João de Lemos), de 1890 (António Nobre, Alberto de Oliveira, Silva Gaio, etc.) e o sector nacionalista da geração de 1910 (António Sardinha, Hipólito Raposo, Afonso Lopes Vieira, Almeida Braga, Veiga Simões, etc.) todas lhe tributam a veneração que se deve a um grande mestre, a um iluminado precursor. Na geração de 70, Garrett contou também admiradores e foram-no Ramalho Ortigão, que confessava dever muito às *Viagens da Minha Terra*, Eça de Queirós, que considerava *Frei Luiz de Sousa* uma obra prima. Esta admiração não ia, porém, a mais do talento literário do grande artista e nenhum deles via implícita na obra garretiana uma estética geral ou um programa de acção. Os homens da geração de 1840 também não encontraram tanto na obra de Garrett, obra por que, aliás, manifestaram uma tão grande admiração. O primeiro a denunciar nos livros de Garrett um sistema de estética e um ideário de acção nacionalista, foi Teófilo Braga: «¿Qual a forma de sairmos desse atoleiro? ¿Como regressar ao ideal

nacionalístico e às aspirações duma época? É o momento de se delinear a evolução da escola de Coimbra, acentuando as fases dominantes do seu programa. Voltando-se a Garrett, reintegrando-se na sua relevância iniciadora e deduzindo da sua Obra o que se há-de seguir.» E expõe: «I—Continuar a Obra de Garrett (análise das tradições nacionais, organizando a respectiva biblioteca); II— Completar a Obra de Garrett que êle esboçara à pressa, e constituir a *História da Literatura Portuguesa...*; III— Formular uma concepção filosófica, de modo a conceder-se aos anêlos políticos de Garrett a realidade integral dum programa democrático, e êste veio a realizá-lo o regimen republicano » (1). Nesta última convicção é que os nacionalistas divergiram de Teófilo.

Os nacionalistas de 1890, com menos aparato sistematizador mas com maior estilo literário, preconizaram, no campo estético, o mesmo que Teófilo. O *neo-garrettismo* de Alberto de Oliveira não é outra coisa, embora atingido por diverso caminho, e o seu apêlo é muito semelhante ao de Teófilo: « Garrett mais do que nenhum outro escritor português dêste século, pela sua variedade de aptidões, pronta emoção e senso artístico, pela sua aguda e vasta inteligência crítica, merece que inscrevamos o seu nome em nossos balsões de

(1) Fran Paxêco, *Cartas de Teófilo*, Carta de 10 de Março de 1921, págs. 95-96.

campanha, e que, de olhos fitos na sua obra, vamos seguindo os caminhos inexplorados que êle apenas indicou, sem ter tido tempo de os percorrer » (1).

Foram os integralistas até onde Teófilo chegara, invertendo apenas o regime realizador dos supostos anelos políticos de Garrett: «Ora o *neo-garretismo*, desde que pretendesse refazer ampla e dedicadamente a consciência da nacionalidade, carecia de sair do estrito terreno estético em que nas *Palavras loucas* fôra colocado. Punha-se mais alto o problema da Pátria Portuguesa! Punha-se nas suas instituições, punha-se no reconhecimento daqueles princípios, de cujo respeito depende a sua integridade e prestígio»; e António Sardinha, de quem são estas palavras concluía: «Nosso mestre e nosso percursor, Garrett ordena-nos que cumpramos o seu testamento. Cumpri-lo é restituir-nos à posse de nós mesmos » (2).

(1) *Prosa e Verso*, tomo I, pág. 90.

(2) António Sardinha, *Ao ritmo da ampulheta*, págs. 7 e 11. Afonso Lopes Vieira dirá: «Garrett é sem dúvida o Avô que nós reconhecemos como quem com mais ternura nos ergueu a alma tão combalida de Portugal.» *Diário de Notícias*, — «Inquérito: Literatura de ontem, de hoje e de amanhã». Teófilo escreveu que Camões e Garrett foram «as duas almas que tiveram mais profundo o sentimento da raça, e que mais sofreram as catástrofes da nacionalidade portuguesa». — J. DE ARAÚJO *O Fr. Luis de Sousa*, de Garrett — 1905, pág. 7.

Teófilo Braga, nacionalista de 90 e integralistas, são unânimes em aceitar Garrett como um messias literário e a sua obra como um programa a realizar e um testamento a cumprir. Nacionalistas e integralistas são concordes na admiração pela obra nacionalista de Teófilo. Alberto de Oliveira considera-o «figura primacial e gloriosa» (1); Agostinho de Campos que «...é única, na história das letras portuguesas, a figura de Teófilo Braga, e tôdas as suas sombras, que são muitas, compensa-as amplamente esta luminosa feição: gastou quási inteira a sua longa vida no entusiasmo de exaltar a excelência literária de Portugal... o que o genial Garrett adivinhava em relâmpagos, com instintiva clarividência e bom gôsto infalível, veio estudá-lo, verificá-lo e contraprová-lo Teófilo Braga...» (2), Hipólito Raposo declara: «Teófilo Braga, cuja obra é intencionalmente uma proclamação do espírito nacional» (3); António Sardiha inicia a sua doutrinação com um estudo intitulado *Teófilo, Mestre da Contra-Revolução*, onde há afirmações como esta: «Entretanto o esforço inescurecível de Teófilo (oh, eu falo do Teófilo da *História da Literatura Portuguesa*, não dêsse Teófilo póstumo que se soldou para sempre à renúncia da sua obra inteira!) salva-se na arran-

(1) *Na Outra Banda de Portugal*, pág. 47.

(2) *Lusitânia*, fasc. III, Junho de 1924, pág. 358.

(3) *Sentido do Humanismo*, 1914, pág. 36.

cada confiança que os destinos da Raça lhe merecem, — para lá dos desfalecimentos assassinos, dos abandonos mortíferos que nos traiçoearam a caminhada, possui-se da contemplação radiosa dum Portugal maior, levado ao triunfo pela reviviscência dos nossos magníficos dotes ancestrais, pela riqueza dinâmica do nosso incompreendido ethos, pelo frémite sagrado que agita os reservatórios subjacentes da alma colectiva em desejos viris de criação e resgate » (1). Veiga Simões, em 1911, consagra-lhe o seu livro *A Nova Geração* onde declara que « o sentido da pátria, em qualquer momento da sua história, toma expressão do génio de Teófilo; porque este homem não atende à certeza matemática do sábio de laboratório, mas prende-se na paixão e na beleza das nossas grandes épocas, ressuscitando-as ao sôpro da sua emoção » (2).

De facto, o nacionalismo é mais uma maneira de *sentir* a vida do que de a *julgar* ou de a *pensar*, e todos estes homens e estas gerações estão ligados por um romantismo da mesma espécie, que se manifesta no desprezo pela verdade e pela observação, na sujeição da razão aos seus sentimentos e paixões. Porque o romantismo é essencialmente isto: sujeição da razão ao sentimento, da idea à paixão, do geral ao particular, do ínte-

(1) *Nação Portuguesa*, Ano I, n.º 1, pág. 5.

(2) Pág. 65.

lectivo ao sensível. ¿Que encontramos nos nossos nacionalistas senão romantismo? «Que importa», diz um (1), «não compreender quando se sente? Sentir é melhor que compreender, assim como vale mais adivinhar do que saber»; «Nada fala nêle» (em Afonso Lopes Vieira), diz António Sardinha, «que recorde a intervenção do espírito crítico, — o adjectivo suprindo a inspiração, o cérebro completando a franquesa do impulso lírico» (2). Cúmplice do romantismo foi Teófilo — dêste romantismo nacionalista que mascara o egotismo dos seus cultores com a máscara das supostas feições nacionais.

Mas, em mais se encontraram Teófilo e os nacionalistas parciais e integrais. Como o autor da *História da Literatura Portuguesa*, os nacionalistas aceitam a mesma «raça lusónia»; o transcendente e místico salvatério da tradição, a nacionalidade como fatalidade maravilhosa, o popularismo estético como supremo recurso artístico. Vimos já como Teófilo considerava todos estes factores e o lugar que na sua obra lhes deu. Vejamo-los agora no nacionalismo, para bem julgarmos de como Teófilo foi precursor, inspirador e mestre.

Da «raça», como grupo antropológico distinto, puro, excepcionalmente dotado pela Natu-

(1) Luís Almeida Braga.

(2) *Ao ritmo...* pág. 73.



reza (1) e misticamente considerado como tendo sido votado a grandes destinos e à perpetuidade, da « raça », assim entendida, não se ocuparam os nacionalistas de 90. Foram os nacionalistas integrais de 1910 que mais apregoaram o « valor da Raça ». António Sardinha dedicou-lhe um volume onde pretende demonstrar, como Teófilo, « que o íntimo segrêdo da história portuguesa consiste num inabalável motivo de ordem étnica » (2) e que « é o dolicoíde meão, de cabelos escuros e preferências sedentárias, quem fundamenta as raízes da Pátria e no desenrolar dos acidentes desorganizadores surge sempre, à bôca do perigo, a pronunciar a palavra de salvação ». Pouco interessa que as filiações antropológicas de Sardinha coincidam ou não com as de Teófilo, pois não é de ciência antropológica que se trata, mas sim da afirmação da existência de uma « raça » determinada pela Natureza para formar a nacionalidade portuguesa (3).

(1) Sardinha, a pág. 9 de *O Valor da Raça*, faz sair Portugal « de um grupo étnico, mais dotado que os outros, detentor de faculdades mais agudas de percepção, ao qual estivesse reservado, como um presente celeste, a chave das primeiras marchas civilizadoras do homem ». Sardinha tencionava emendar e refundir êste livro. Suprimiria, então, estes exageros? Não sei. Sei, porém, que a tese defendida inicialmente se mantinha.

(2) *Obra cit.*, pág. 1.

(3) Diz Sardinha: « A integridade dêsse valor antropológico retem consigo, na guarda da sua pureza, todo o

A nacionalidade foi considerada por os nacionalistas de 1910, como o havia sido por Teófilo, um elemento estático e foi, portanto, com lógica que partiram « à reabilitação das instituições em que o génio dela secularmente se exprimira » (1). É natural, pois que tudo consideravam como produto da raça que se tinha guardado purinha, para formar e garantir a nacionalidade. Teófilo determinara que a criação da nacionalidade não fôra « obra dos políticos, mas duma tradição, de uma aspiração instintiva abafada desde o domínio dos romanos » (2) e Sardinha escreve que « se não admitirmos uma lenta preparação atávica que desde muito de atrás nos andasse elaborando como uma realidade social que se basta a si própria, não se compreende pela doutrina simplista do Acaso que... se alevantasse de súbito da gleba libertada uma pátria cheia de vigor, vibrando tôda de cima a baixo no sentimento duma mesma finalidade » (3).

Tôda a vida nacional, nas suas grandes explosões de vitalidade, a considerava Teófilo sòmente

esfôrço que preside aos dramas formidáveis da nossa independência ». *Valor da Raça*, pág. 2.

Diz Teófilo: « O lusitano, realizando o ideal de povo livre entrou na história pelo carácter da raça ligúrica...; pela sua tenacidade, resistiu a todos os desvários dos que o governaram atraindo-o, etc. », *Edade Média*, pág. 27.

(1) *Valor da Raça*, pág. 147.

(2) *Edade Média*, pág. 82.

(3) *Obra cit.*, pág. III.

como a persistência do carácter da raça. Para Sardinha e para os nacionalistas integrais era a persistência dêsse carácter dirigido pela Igreja e pela Realeza.

No valor da tradição todos se encontram, nacionalistas de 90, integralistas de 1910 e Teófilo. Variam só algumas das tradições; mas, como há muito por onde escolher, em muitas outras se encontram unânimes. « Bem opostamente — declara António Sardinha — eu avanço nas passadas de Teófilo Braga, mas naquela parte em que Teófilo defende as qualidades formosíssimas do luso e inventaria as aptidões ancestrais que já do fundo dos séculos nos fadaram para o povo livre e glorioso. » (1) Mas em mais caminhos avançaram nas passadas de Teófilo os nacionalistas. Teófilo pretendeu criar com a tradição uma corrente estética; os nacionalistas de 90 viram na tradição o supremo recurso artístico e dela tomaram a seiva fraquinha das suas obras anémicas; os integralistas foram mais longe, e além do seu aspecto meramente estético preconizaram o tradicionalismo « como método positivo de acção e de govêrno » (2). Mas todos — note-se — preconizam a tradição como um dos mais fortes vínculos da nacionalidade. Teófilo lançou o anátema sôbre tôda a « ideação indi-

(1) Ob. cit., pág. XVIII.

(2) António Sardinha, *Purgatório das Ideas*, 1929, pág. 152.

vidual que se não apoia no sentimento colectivo » que fica, segundo êle, « uma aberração mental » e exige a solidariedade com o passado; Alberto de Oliveira convida-nos a desenrolar os nossos pergaminhos, e Sardinha vai até dizer que « estamos na posse de uma civilização — da civilização lusitana » (1).

A mais nobre labuta da vida, o que mais dignifica o homem é o seu esforço para a racionalidade, para a clareza, para a absoluta sinceridade. Os tradicionalistas marcham ao contrário, pois que, nêles, êsse culto pela tradição — floresta confusa onde só as aparências são realidades (pelo que os factos históricos têm de aberto à nossa subjectividade) — pois que nêles, dizia eu, êsse culto pelo tradicional não é mais na expressão de Parodi, que « passividade e mecanismo ».

Passividade é uma das características da inteligência de Teófilo. Passividade e mecanismo de linguagem é a característica do nacionalismo.

São os nacionalistas estrenuos defensores do popularismo estético, como o foi Teófilo. Para os de 90 os « nossos pergaminhos poéticos » « de quilate riquissimo veem do Povo » (2), o povo é o grande sábio, o grande poeta, o grande artista. Do mesmo modo pensam os integralistas, acompanhando Teófilo na sua visão da literatura portu-

(1) *Valor da Raça*, pág. 166.

(2) Alberto de Oliveira, *Ob. cit.*, pág. 83.

guesa. Como o autor da *Historia da Literatura Portuguesa*, Sardinha verá a origem do nosso lirismo condicionada pela formação da nacionalidade, vêem os nacionalistas de 1910, como Teófilo, no grande movimento humanista e renascente a perversão de uma literatura autenticamente original, nacionalíssima, produto espontâneo do povo. Condenam a « unidade do saber » porque « determinava forçosamente a sua universalização » (1), ; como se o « saber » pudesse ser nacional, diferente de povo para povo ;

O Romantismo vale para Teófilo por aquilo que êle chamou « a idealização das origens » e para os nacionalistas pelo « regresso à hereditariedade emotiva da raça ».

Os temas repisados pela literatura nacionalista, como a saudade e o sebastianismo, também suggestionaram Teófilo, que os indicou à mocidade (2).

« Guardiã inspirado dos tesoiros encontrados da raça » — lhe chamou Sardinha, o corifeu da geração que se sentia herdeiro dèsses tesouros. Teófilo tem responsabilidades e tem culpas na crise que hoje atravessa a mentalidade portuguesa. Por facciosismo em politica e doutrina social, a

(1) Hipólito Raposo, *Sentido do Humanismo*, pág. 34. Vide Teófilo, *Garrett e os Dramas Romanticos*, pág. 13; *História do Romantismo*, pág. 7.

(2) Vide, por exemplo, *Edade-Média*, págs. 84-85; *O Encoberto*, de A. Lopes Vieira ; Carta de Teófilo — *Garrett e os Dramas*, pág. 317.



sua obra serviu o jacobinismo rubro; por falta de seriedade científica e de crítica serviu e serve o jacobinismo branco. Teófilo é um mau mestre, e um futuro historiador da vida mental portuguesa não poderá deixar de ser severíssimo para êsse homem que não trabalhou para a Verdade mas para servir as suas fraquezas e paixões. A sua obra, como a de Oliveira Martins, tem algo de boceta de Pandora. Não nos interessa, porém, saber se no fundo dela resta a esperança de um futuro melhor — porque êsse futuro, contra tôdas as aparências, através de tôdas as lutas, à custa dos mais duros sacrifícios, cumpre-nos a nós criá-lo.

Agosto, 1933.









# Cadernos da SEARA NOVA

Já publicados:

## SECÇÃO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

- Raül Brandão*, por CASTELO BRANCO CHAVES (2\$50).  
*Telxeira Gomes*, por CASTELO BRANCO CHAVES (2\$50).  
*Da Obra de Vargas Villa*, por FARIA GAYO... (3\$00).  
*Castilho*, por CASTELO BRANCO CHAVES..... (3\$00).  
*Oliveira Martins*, por G. LE GENTIL ..... (3\$00).  
*«Plutos»*, por ARISTÓFANES, tradução e notas de  
ALVARO LOBO VILELA ..... (3\$00).  
*Teófilo Braga e o Nacionalismo*, por CASTELO  
BRANCO CHAVES..... (2\$50).

## SECÇÃO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS E CIENTÍFICOS

- Galileu Galilei*, por BENTO DE JESUS CARAÇA (3\$00).

## SECÇÃO DE TEXTOS FILOSÓFICOS

- Critone*, por PLATÃO, trad. AGOSTINHO DA SILVA (2\$50).

## SECÇÃO DE ESTUDOS POLÍTICOS E SOCIAIS

- Eliseu Reclus*, por EMÍLIO COSTA ..... (3\$00).  
*Democracia*, por ANTÓNIO SÉRGIO ..... (2\$50).  
*O destino do proletariado intelectual*, por EMÍLIO  
COSTA ..... (2\$50).

## SECÇÃO DE ESTUDOS ECONÓMICOS

- O comércio dos resinosos*, por M. AZEVEDO GOMES (2\$50)

## SECÇÃO DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

- A política do idioma e as Universidades*, por RODRIGUES  
LAPA (2\$50).

## VÁRIA

- Glossas*, por AGOSTINHO DA SILVA, três opúsculos,  
(1\$00, 1\$50, 1\$50).

## POR ASSINATURA

6 números . . . . .	12\$50
12 » . . . . .	22\$50